

A memória cognitivo-discursiva: entre discurso, Psicanálise e cognição

*The cognitive memory discourse:
between discourse, Psychoanalysis and cognition*

Bruno Focas Vieira Machado¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
b_machado@uol.com.br

Resumo: Este texto pretende promover um debate interdisciplinar sobre as relações entre os conceitos de *sujeito*, de *discurso* e de *memória*, tal como são encontrados na Análise do Discurso Francesa e na Psicanálise; contrastando-os com as teorizações contemporâneas do campo da *cognição social*, mais propriamente pelas contribuições trazidas por Sophie Moirand e por Marie-Anne Paveau. Para cumprir esse objetivo, busca-se problematizar o paralelismo cognitivista que a contemporaneidade coloca para ambos os campos, o que culmina na construção de um novo conceito: a *memória cognitivo-discursiva*. Esse novo conceito é problematizado à luz da Análise do Discurso e da Psicanálise, consolidando uma reflexão sobre os efeitos contemporâneos do cognitivismo e do discurso da ciência em cada um dos campos de saber, assim como sobre a maneira em que ambos podem estabelecer um diálogo.

Palavras-chave: discurso; cognição; memória; Psicanálise.

Abstract: This text aims to promote an interdisciplinary debate on the relationship between the concepts of *subject*, *speech* and *memory*, such as they are found in the French Discourse Analysis and Psychoanalysis; contrasting them with contemporary theories from the field of *social cognition*, more properly the contributions made by Sophie Moirand and Marie-Anne Paveau. To achieve this goal, we problematize the cognitive parallelism that the contemporary world poses for both fields, culminating in the construction of a new concept: the *cognitive-discursive memory*. This new concept is questioned in the light of Discourse Analysis and Psychoanalysis, consolidating a

¹ Bolsista do PNPd/CAPES pela FALE/UFMG.

reflection on the contemporary effects of cognitivism and the discourse of science in each of the fields of knowledge, as well as about the way both of them can establish a dialogue.

Keywords: discourse; cognition; memory; Psychoanalysis.

Recebido em: 11 de julho de 2014.

Aprovado em: 14 de maio de 2015.

1 As ciências cognitivas e a Análise do Discurso

Proponho iniciar este texto com uma afirmativa de Paveau (2005), presente no artigo *Retrouver la mémoire. Parcours épistémologique et historique*. A autora, de uma forma que considero provocativa, aborda a pertinente problemática de uma *renovação* da Análise do Discurso no mundo contemporâneo, especialmente no que diz respeito à noção de *memória*:

Nous proposons de retravailler la notion de mémoire en AD, grâce aux résultats de travaux dans la domaine de la cognition distribuée. C'est un renouvellement qui voudrait à la fois conserver la richesse conceptuelle de la sémantique discursive et rendre compte des formes contemporaines de production et de circulation des discours (PAVEAU, 2005, p. 3).²

Em *Discours et cognition: les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur*, Paveau (2007) explicita que a *cognição distribuída*, surgida no início da década de 90, é um conceito dinâmico no campo da cognição social por levar em consideração o contexto entre o *interno* e o *externo*, assim como por reconhecer a existência de uma

² “Propomos um novo trabalho sobre a noção de memória em AD, em função dos resultados de trabalhos no domínio da cognição distribuída. É uma renovação que busca, ao mesmo tempo, conservar a riqueza conceitual da semântica discursiva e dar conta das formas contemporâneas de produção e de circulação dos discursos.”

colaboração entre as produções discursivo-cognitivas individuais de cada um e entre as produções individuais e sociais. Nas palavras da autora, a hipótese da *cognição distribuída* é a mais pertinente para o tratamento verdadeiramente contextualizado das produções discursivas. Paveau prossegue sua argumentação colocando em causa o polêmico lugar das ciências cognitivas no campo da Análise do Discurso Francesa:

Il pourrait sembler paradoxal d'articuler sciences cognitives et AD, cette dernière, dans la version qui nous intéresse, s'étant construite sur le politique, l'historique et le psychanalytique, en un mot et pour aller très vite, sur tout ce que la révolution cognitive des années 1950 a contribué à remettre en cause (PAVEAU, 2005, p. 3).³

A autora, ao se reportar à *cognição social*, primeiramente desenvolvida em um contexto anglo-saxão a partir do final da década de 1980, observa que uma *revisão de crenças* se impõe na atualidade, tanto para os analistas do discurso quanto para os cognitivistas: a Análise do Discurso e a cognição social são compatíveis, e suas respectivas teorias, saberes e métodos podem dialogar.

O conceito de *cognição social*, desenvolvido por Paveau (2005) e Moirand (2007) é crucial para o primeiro ponto de interface proposto neste texto. Em *Discours et cognition: les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur*, Paveau (2007) defende a ideia de que a AD está em busca de um novo *sopro teórico*.

Trata-se de repensar a cognição como um fenômeno discursivo, articulado ao social e, dessa forma, para além de uma hipótese do reducionismo biológico do funcionamento cognitivo. Ainda de acordo com Paveau (2005), adotar o ângulo sociocultural em ciências cognitivas implica fazer um certo número de escolhas epistemológicas, entre elas, a de sustentar uma hipótese contrária à da cognição neurobiológica.

³ “Poderia parecer paradoxal articular ciências cognitivas e AD, sendo essa última, na versão que nos interessa, construída sobre o político, o histórico e o psicanalítico; em uma palavra e de forma direta, sobre tudo o que a revolução cognitiva dos anos 1950 contribuiu para pôr em xeque”.

Em *Discours et cognition: les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur*, Paveau (2007) comenta que a cognição social é constituída por uma miríade de trabalhos, discussões e orientações que, desde a década de 1990, oferecem uma alternativa para a chamada cognição dita *clássica* ou *tradicional*, que repousa sobre a *hipótese internalista*. O *paradigma internalista* foi desenvolvido a partir da década de 1950, no campo da inteligência artificial, da psicologia cognitiva e também da filosofia, da linguística e da neurociência. O *paradigma externalista* ou *social e cultural*, por sua vez, tem raízes na sociologia, na antropologia e, em menor grau, na psicologia e na filosofia. Assim, as abordagens para a cognição social são baseadas em escolhas teóricas que se apoiam sobre a natureza do espírito e na definição de contexto como ambiente material.

Essa hipótese se apoia na existência de estruturas cognitivas *externas* ao indivíduo, que são as *ferramentas linguísticas* utilizadas pelo falante na produção do discurso. Citando Paveau (2005, p. 3): “Nous pensons qu’il existe bien des savoirs et de croyances, bref des propositions et une pensée, mais articulées avec le monde extérieur, l’environnement, les artefacts, et non pas seulement encapsulées dans de modules internes.”⁴

Essas ferramentas linguísticas podem ser instrumentos externos, como livros e demais instrumentos de leitura; assim como as próprias estruturas sociais de produção e acumulação de conhecimento, tais como as enciclopédias. Proponho denominar essas estruturas cognitivas externas de *campo semântico*, um conceito que compreende a articulação entre os elementos linguísticos e suas relações em uma área de significação dada, tal como foi trabalhado por Pêcheux, em *Análise Automática do Discurso*, obra de 1969.

De fato, a Análise do Discurso se define também como semântica, um ponto de articulação pelo qual atravessam as questões que desafiam os estudos sobre a linguagem em suas diversas vertentes. De acordo com as palavras de Orlandi (1994), a semântica é a pedra de toque na constituição da Análise do Discurso europeia. Para melhor

⁴ “Acreditamos que existam saberes e crenças, em suma, proposições e um pensamento, mas articulados ao mundo exterior, ao ambiente, aos artefatos, e não somente encapsulados em sistemas internos.”

articular a noção de *ferramentas externas*, oriunda da corrente sociocultural das ciências cognitivas, com fundamentos da Análise do Discurso, lanço mão de uma citação de Orlandi (1994):

O objeto da Linguística é a língua (...); **o objeto da AD é o discurso**, que supõe uma autonomia apenas relativa do linguístico (...), **já que ele postula que a linguagem tem uma relação necessária com a exterioridade** e a possibilidade de encontrar regularidades no discurso se vincula ao fato de referir-lo às suas condições de produção (ORLANDI, 1994, p. 295; grifos meus).

Moirand (2007), por sua vez, propõe uma aproximação entre a noção de *memória discursiva*, surgida no campo da AD no início da década de 1980, e a noção de *memória sociocognitiva* ou *memória cognitivo-discursiva*, desenvolvida pelo cognitivismo social. A *memória discursiva* surge de um encontro entre a Filosofia (Foucault), a História (Braudel), a ideologia (Althusser) e a teoria do discurso (Pêcheux), ou seja, ela é um conceito que é, em si, anticognitivista. No entanto, ao prosseguir na leitura do texto de Moirand, encontro uma passagem fundamental para demonstrar a convergência entre ciências cognitivas e o campo do discurso:

Or, si les représentations mentales sont à la fois modelées par les bases biologiques du cerveau et sans cesse remodelées par le contexte social avec lequel on interagit, elles le sont aussi au travers des représentations qui sont “données à voir” dans les matérialités discursives ou sémiotiques auxquelles on est exposé (MOIRAND, 2007, p. 14).⁵

⁵ “Ora, se as representações mentais são, ao mesmo tempo, modeladas por bases biológicas do cérebro e sem cessar remodeladas pelo contexto social com o qual interagimos, elas o são também por meio das representações que nos são ‘dadas a ver’ nas materialidades discursivas ou semióticas a que somos expostos.”

Com a passagem acima, a autora evidencia que o cognitivismo com o qual a Análise do Discurso pode dialogar e trabalhar é um cognitivismo que não negligencia a dimensão do *Outro da linguagem* e do *Outro do discurso* na experiência humana. Interrogar por um viés discursivo as *representações mentais* e os *traços de memória*, expressões caras às ciências cognitivas, é um desafio que o mundo contemporâneo coloca ao campo dos estudos sobre o discurso. Ainda de acordo com Moirand (2007), o que se tem em vista é um interesse metodológico de articular o espaço mental e suas representações com uma análise de discurso que se apoia nesses traços de memória, levando em conta que a experiência do sujeito, seja ela constituída de fatos vistos, vividos, ou de construções fantasmáticas, é modelada pela linguagem.

Já Paveau (2005) refere-se à memória cognitivo-discursiva como uma concepção dinâmica que faz da memória um verdadeiro operador pré-discursivo e discursivo. A construção da memória cognitivo-discursiva é fundamentalmente inscrita no desenvolver da história, das práticas sociais e discursivas. De acordo com Moirand (2007, p. 11): “Le fonctionnement de la mémoire individuelle n’est pas possible sans ses instruments que sont les mots et les idées, que l’individu n’a pas inventés, et qu’il emprunte à son milieu, à travers les discours et les images auxquels il est exposé, pourrions-nous dire.”⁶

Dessa forma, a noção de *memória* em AD ganha destaque no debate tão atual com as ciências cognitivas. A memória, como demonstra Moirand, está inscrita nas palavras, as quais a autora pertinentemente denomina de *palavras-acontecimento*.⁷ Essas *palavras-acontecimento* operam como uma marca psíquica que é construída com base nas experiências que se tem do mundo, por meio do discurso que o organiza e o configura. Elas são, simultaneamente, um conjunto de representações

⁶ “O funcionamento da memória individual não é possível sem seus instrumentos, que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, e que são por ele capturadas de seu meio, pelos discursos e pelas imagens aos quais ele é exposto, poderíamos dizer.”

⁷ Em francês: *mot-événements*. O termo *événement* é mais usualmente traduzido por *evento*. Optei pelo termo *acontecimento* para salientar o fator contingência que afeta essas palavras. Ver, por exemplo, o título da obra de Pêcheux: *O discurso: estrutura ou acontecimento*.

mentais que são chamadas à memória por associações que se dão de uma forma contingente e pela própria marca psíquica que um evento imprime no aparelho mental. Segundo a autora, são as palavras-acontecimento que permitiram rediscutir a ancoragem cognitiva da memória e do discurso.

Esses *efeitos de memória* funcionam como operações *cognitivo-linguageiras*, que se inscrevem no entrecampo da memória cognitiva e da memória linguístico-discursiva. Moirand afirma que, no fio de um texto, de um estímulo visual ou de uma produção discursiva qualquer, certas palavras evocam a lembrança de um fato ou de um acontecimento, e que devemos presumir que há uma inscrição prévia dessa palavra e daquilo que ela evoca em uma *memória semântica*. Essa dimensão da memória é novamente enfatizada por Moirand (2007, p. 7): “Les événements ont des effets de mémoire qui dépassent en effet le sens des mots: ils véhiculent des représentations, voire des émotions, liées à des connaissances, à des faits et à des savoirs plutôt qu’à des dires.”⁸

São, assim, inscritas no fio do discurso as representações que são mentalmente associadas às *palavras-acontecimento*, tais como palavras, imagens e sons que pertencem ao mesmo domínio de memória. Nesse ponto, a reflexão de Moirand parece particularmente importante, pois a autora observa que podem estar inscritos no fio do discurso segmentos discursivos que não se associam a dizeres realmente enunciados ou palavras concretas, ou seja, que não remetem a enunciados previamente situados, a situações anteriores concretas e nem a discursos precisos; mas a *posições enunciativas ou argumentativas*. Isso a autoriza a concluir que as representações mentais não se ligam às palavras-acontecimento de uma maneira evidente e necessariamente consciente para o falante.

Ao lançar mão de exemplos do discurso midiático, Moirand constata que existem palavras inscritas na materialidade discursiva que cumprem o papel de *desencadeadoras de memória*, sem que seja possível falar de um “discurso relatado”, e sem que pareçam remeter a representações relevantes de domínios de memória a curto ou a longo prazo. Tais palavras funcionam como representações de uma *memória*

⁸ “As palavras- acontecimento têm efeitos de memória que ultrapassam, de fato, o sentido das palavras: elas veiculam representações, até mesmo emoções, ligadas mais a conhecimentos, a fatos e a saberes do que a dizeres.”

parcialmente inconsciente que se constitui pela própria articulação da teia discursiva que envolve o mundo do sujeito:

Dans le traitement de cette progression de la schematization, **interviennent de manière partiellement automatique et inconsciente, partiellement intentionnelle**, différentes mémoires: (...) la mémoire des mots et des dire **dont on n'a pas toujours conscience** (l'interdiscours), la mémoire des événements tels qu'on les a stockés avec leur histoire (mémoire sémantique, mémoire épisodique), et tels que les communautés auxquelles on appartient s'en souviennent (mémoire collective) (MOIRAND, 2007, p. 13; grifos meus).⁹

A noção de uma *memória inconsciente* em Análise do Discurso remete a uma articulação com o campo psicanalítico. E é com esse chamado à Psicanálise que passo para o próximo tópico.

2 A Análise do Discurso e a Psicanálise

Articular a Psicanálise ao campo da Análise do Discurso é um gesto inaugural da/na AD. A própria fundação da disciplina por Michel Pêcheux, em 1969, implica uma aliança com o campo psicanalítico. Como nos lembram Pêcheux e Fuchs (1990), o empreendimento da Análise Automática do Discurso, primeira fase da AD, reside na articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico (com Althusser e sua releitura de Marx), a Linguística (com o movimento estruturalista) e a teoria do discurso. Essas três regiões, por

⁹ “No tratamento dessa progressão da esquematização intervêm, de maneira parcialmente automática e inconsciente, parcialmente intencional, diferentes memórias: (...) a memória das palavras e dos dizeres dos quais nem sempre temos consciência (o interdiscurso), a memória dos acontecimentos, tais como nós os armazenamos com suas histórias (memória semântica, memória episódica), e tais como as comunidades a que pertencemos deles se recorda (memória coletiva).”

sua vez, são atravessadas e articuladas por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica (com Lacan, baseado no seu “retorno” a Freud).

De acordo com Maingueneau (1990, p. 69): “Nos fins dos anos 60 a frente do palco intelectual estava ocupada ao mesmo tempo pelo marxismo, pela psicanálise e pelo estruturalismo. Para os que estavam presos a esse universo, tratava-se mais de um ser tricéfalo do que de três correntes distintas e convergentes.” De acordo com Paveau (2008), a Psicanálise, sobretudo a partir dos seminários de Lacan iniciados em 1953, impregnou de maneira às vezes subterrânea e invisível todos os trabalhos dessa época. Para a autora, “A elaboração da noção de Outro por Lacan é realmente um marco fundamental em todas as ciências humanas, ao introduzir uma verdadeira ruptura epistemológica, transformando a concepção do sujeito.” (PAVEAU, 2008, p. 5)

Ao tratar mais especificamente sobre o lugar da Psicanálise nesse momento histórico, Gadet *et alii* (1990) comentam que a vasta coletânea intitulada *Escritos*, publicada por Lacan em 1966, se tornaria, mais do que qualquer outra obra publicada na época, o livro de cabeceira de toda uma geração de intelectuais franceses. Esse livro, que conta com quase mil páginas, reúne artigos e intervenções proferidas por Lacan entre 1936 e 1966, ano em que redige o artigo que encerra o referido volume e cujo tema é de grande relevância para este texto: *A ciência e a verdade*. Esse artigo é evocado por Pêcheux na obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de 1975.

No percurso dessa obra, vemos Pêcheux fazer um balanço e uma retomada crítica dessa tríplice aliança, em um movimento de conjunção e disjunção dos fundamentos sobre a teoria da ideologia herdada de Althusser. Em sua retificação de 1978, Pêcheux tece uma autocrítica e aponta que a insubmissão ideológica teve por consequência uma tendenciosa indistinção entre o *sujeito* (simbólico) e o *eu* (imaginário) no corpo teórico de sua própria obra. Em suas palavras: “... a ordem do inconsciente não coincide com a ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento, nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente.” (PÊCHEUX, 1988, p. 301).

Se a teoria da ideologia e a teoria do inconsciente estão historicamente imbricadas na constituição da AD, Orlandi (1994) lembra

que Pêcheux não teve como proposta na AD produzir uma teoria do sujeito ou uma teoria da ideologia. Pêcheux, ainda nas palavras de Orlandi, diz que, pela teoria do discurso, pode-se considerar que ideologia e inconsciente estão materialmente ligados na produção de sentidos e que a AD pode interferir no campo dessas teorias.

O denominador comum entre Análise do Discurso e Psicanálise pode ser exemplarmente demonstrado na seguinte passagem extraída de Maingueneau:

(...) a escola francesa de análise de discurso se afirma como uma “análise” (= uma psicanálise) aplicada aos textos. Há aí muito mais que uma coincidência de nomes: é a materialização de uma certa configuração do saber em que o mesmo termo “análise” funciona ao mesmo tempo sobre os registros linguístico, textual e psicanalítico (MAINGUENEAU, 1990, p. 69).

Em contrapartida, não é possível negligenciar as grandes contribuições que os estudos da linguagem trouxeram para a Psicanálise, seja por meio do *retorno a Freud*, empreendido por Lacan via Estruturalismo de Saussure; seja por meio das próprias teorias enunciativas e discursivas. Para Ansermet (2013, p. 42), “a interrogação psicanalítica pode fazer progredir a ciência. Do mesmo modo, a psicanálise pode progredir também em afinidade, e em alteridade, com outros campos. Esse foi o método de Freud e também o de Lacan.” Ansermet lembra que essa abertura ao interdisciplinar implica ir ao encontro do *desejo de Freud* de que a psicanálise não fosse um sistema, que permanecesse sempre inacabada, sempre pronta a rearranjar ou a modificar as suas doutrinas, seja pela prática clínica, seja pela interface com outros campos. O autor alerta ainda sobre o risco de a Psicanálise tornar-se obscurantista, se escolher isolar-se ou manter uma vertente conservadora: ela mantém uma relação de necessidade com outros campos que lhe são conexos, campos que constituem avanços possíveis para ela e para a sua clínica. Azevedo (2010) discorre sobre a insistência freudiana no fato de o psicanalista ter de percorrer outros campos do conhecimento, como a Biologia, a História, a Mitologia, a Literatura e a

Filologia (que é era Linguística praticada no tempo de Freud). Nas palavras da autora (*Ibid.*, 2010, p. 73), “em suma, o que ele [Freud] pede, ao mesmo tempo que reconhece a dimensão utópica de sua proposta, é uma escola de formação de analistas fundada no que hoje está em voga sob o nome de **interdisciplinaridade**.” (grifo meu). Posteriormente, nas décadas de 1950 e 1960, Lacan soma duas disciplinas, oriundas dos estudos da linguagem, à lista interdisciplinar elencada por Freud: *as teorias discursivas e enunciativas*. Maurano destaca que:

Na ótica lacaniana, o termo discurso tem lugar privilegiado. Sua teorização constitui um dos mais preciosos instrumentos existentes na investigação do que é produzido pelo sujeito e pela ordem social em que ele se insere. Para Lacan, de fato, os discursos são como o aparelho que governa tudo o que pode surgir da palavra (MAURANO, 2010, p. 211).

3 As ciências cognitivas e a Psicanálise

A Psicanálise, assim como a Análise do Discurso, se vê diante de uma necessidade de renovação imposta pelas formas contemporâneas de produção e circulação de discursos. De forma semelhante ao que foi exposto por Paveau (2005) e por Moirand (2007), as ciências cognitivas ou, de forma mais ampla, as novas formas de discursos produzidas pelas neurociências, estão no centro desse debate iminentemente atual. Ansermet (2013) situa o centro desse debate no *cientificismo contemporâneo*. O cientificismo, para esse autor, tem uma grande proximidade com as ilusões da religião, ao se apoiar em uma crença reducionista nos resultados e nas construções da ciência. Essa “religião da ciência” se apoia nos *sofismas das bases biológicas* que regem o mundo contemporâneo e que produzem consequências que afetam diretamente o conceito de *sujeito*, um forte ponto de união entre a Análise do Discurso e a Psicanálise:

Como a ciência se transforma em ilusão? Através de qual reviravolta ela chega a se reduzir a uma crença?

Com base na psicanálise, duas grandes balizas poderiam explicar essa transformação: por um lado, a ciência se tornaria cientificismo a partir do momento em que ela rejeita o sujeito, [sujeito] que, no entanto, foi uma das condições de sua emergência; por outro lado, ela se torna cientificismo quando rejeita seu limite, seu ponto de impossível (ANSERMET, 2013, p. 39).

Esse *ponto de impossível* é o que Lacan denominou *real*, aquilo que escapa à possibilidade de a linguagem atribuir sentido e significação. A Psicanálise coloca em primeiro plano a exterioridade da linguagem em relação ao real, e Lacan leva às últimas consequências essa não relação entre a linguagem e o real. Ainda de acordo com o autor, se a Psicanálise é uma obra aberta, ela se encontra em uma relação de necessidade e alteridade com outros campos, inclusive com a ciência, com a condição de que se trate de uma versão da ciência que mantenha aberta a questão do seu ponto de impossível. O discurso contemporâneo das neurociências e das ciências cognitivas, em conformidade com o paradigma biológico, busca dar uma significação ao todo do real, recobri-lo sem deixar restos. Esse gesto tem novamente como consequência uma exclusão do sujeito e a redução a uma analogia entre função do cérebro e função psíquica. Nas palavras de Ansermet, as neurociências constroem um modelo ideal do humano, emergindo do organismo, inteiramente determinado, sem a dimensão do Outro da linguagem. A Psicanálise, nesse debate, sustenta uma posição que, guardadas as devidas diferenças, interessou à Análise do Discurso desde sua fundação: “A psicanálise, ao menos na orientação que lhe dá Lacan, se interessa pelo real na medida em que ele escapa. Ela se interessa pelo sujeito” (ANSERMET, 2013, p. 41).

Essa interseção entre *sujeito* e *real*, características do ensino mais tardio de Lacan, não é desprovida de interesse e de consequências para o campo da AD de tradição pecheutiana. Isso pode ser verificado ao se atentar a determinadas passagens de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, conferência proferida por Pêcheux no ano de sua morte. O real que escapa à estrutura do discurso é evocado por Pêcheux ao afirmar que, especialmente no que diz respeito à semântica, o

estruturalismo linguístico desemboca em um estruturalismo filosófico que tenta abarcar no explicável o *resíduo inexplicável*. Pêcheux parece solidário à tese de Lacan de se tomar o real como um resto impossível de ser absorvido pela estrutura do simbólico. Ao discorrer sobre as teorias semânticas estruturais e gerativas, o autor assim se expressa:

[...] essa perspectiva cartesiano-leibniziana, segundo a qual o sujeito falante calcula espontaneamente, encontra seu próprio limite na existência do “contexto” e da “situação”, que impedem o “fechamento do sistema” por constituir **um resto cuja reabsorção é radicalmente impossível** (...). O segundo ponto característico das teorias semânticas atuais nos é, por aí mesmo, designado, de algum modo, por dualidade: trata-se, com efeito, da teoria da enunciação como *teoria desse resto inerente à existência do “sujeito falante” em situação...* (PÊCHEUX, 1988, p. 62; grifos meus).

Os últimos trabalhos de Pêcheux, posteriores à retificação de 1978, que promoveu uma maior abertura à Psicanálise, voltam-se de forma mais diretiva para essa questão da antinomia entre linguagem e discurso em relação ao real. Seu último livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, de 1983, foi visionário, ao problematizar o que Pêcheux denominou de *momento contemporâneo do rigor positivo* na constituição das ciências que, ainda em suas palavras, buscam *homogeneizar o real* ou buscam uma *cobertura lógica das regiões heterogêneas do real*. Para o autor, essa *homogeneização do real* afeta desde a lógica matemática até os espaços administrativos e sociais, através do método hipotético-dedutivo e as técnicas de “administração de prova”. Para Pêcheux (2012, p. 33), o que guarda uma sintonia com as hipóteses de Ansermet, esse *neo-positivismo* forma uma das “epistemes” maiores do nosso tempo, o que também vem a afetar o conceito de sujeito: “*O sujeito pragmático* (...) tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica.”

Ressonâncias do dizer de Pêcheux podem ser encontradas nas elaborações contemporâneas do campo da Psicanálise que empreendem

uma reflexão sobre as consequências da aliança do discurso da ciência com o discurso do capitalismo. Em *Encontros do real*, Brusa afirma que a única condição para o sujeito ser acolhido na nova ordem, essa ordem marcada pelo casamento da ciência com a economia, é consentir em se tornar objeto da prática da avaliação que vem integrar, com um suplemento de racionalidade, o vazio deixado pelos princípios da tradição. Nas palavras da autora, “A tradição não é unívoca, tem suas raízes no discurso do Outro, está inevitavelmente exposta ao mal-entendido da interpretação. A nova ordem resolve o risco do mal-entendido com a evidência numérica.” (BRUSA, 2014, p. 131-132). É interessante, até mesmo surpreendente, cotejar essa passagem de Brusa com comentários de Pêcheux em sua última obra de 1983. O que o autor ali chama de “coisas-a-saber” é a própria incidência de *um real impiedoso* que arrisca “a felicidade do sujeito pragmático”. Em suas palavras, o projeto de um saber que unificaria essa multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar o controle sem risco de interpretação (logo uma autoleitura, científica, sem falha, do real) responde, com toda evidência, a uma urgência tão viva, tão universalmente humana.

Pêcheux, ainda comentando esse projeto que tampona o impossível próprio do real, demonstra-se sensível aos efeitos do discurso da ciência no momento atual ao qual Brusa (2014) e os psicanalistas contemporâneos denominam de *nova ordem*: “[...] ele amarra tão bem [...] os interesses dos sucessivos mestres desse mundo [...] que o fantasma desse saber, eficaz, administrável e transmissível, não podia deixar de tender historicamente a se materializar por todos os meios” (PÊCHEUX, 2012, p. 35). Reinocando um momento anterior da reflexão do autor, Pêcheux (1988) não se furta a afirmar que o discurso da ciência tem como característica o apagamento do sujeito em sua estrutura, permanecendo, no entanto, “presente por sua ausência”.

Retomando a expressão de Pêcheux, esse *pragmatismo do sujeito contemporâneo*, objeto de um debate atual entre os psicanalistas, o analista do discurso o evocou três décadas antes. O autor se interessou pelo real da estrutura do discurso, pelo inassimilável, por aquilo que

ameaça a estabilidade do sujeito pragmático e que produz *efeitos de sujeito*. Em suas palavras: “há real, isto é, pontos de impossível” (PÊCHEUX, 2012, p. 29). A esse respeito, enuncia o autor:

Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-llogicamente-estável não seja considerado a *priori* como um defeito, um simples furo no real. É supor que – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas a saber” ou a um tecido de tais coisas. Logo: **um real constitutivamente estranho à univocidade lógica**, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, **e que, no entanto, existe produzindo efeitos** (PÊCHEUX, 2012, p. 43; grifos meus).

É possível encontrar já em *Semântica e discurso* rudimentos dessa elaboração mais tardia do pensamento de Pêcheux. Nessa obra, o autor aponta que, a partir do momento em que “o ponto de vista cria o objeto”, em uma implícita referência a Saussure, o que faz com que, em suas palavras em uma nota de rodapé, haja coincidência entre o modo de apresentação com o próprio objeto, todo conceito se torna uma *ficção cômoda* que põe em dúvida *a existência independente do real como exterior ao sujeito*. Em um ponto posterior de seu texto, Pêcheux parece antecipar sua retificação de 1978 e reconhece *o primado do real sobre o pensamento*. É fato que, nesse momento de sua obra, o pensamento pêcheutiano ainda se encontrava ancorado e marcado pelos efeitos da esfera da ideologia, provenientes de seu encontro com os trabalhos de Althusser. Mas, o reconhecimento sobre a divisão irreduzível do sujeito e sobre a falha do real que não se recobre pelo recurso à ideologia, se encontra satisfatoriamente esboçado.

4 As ciências cognitivas, a Análise do Discurso e a Psicanálise

Reinvocando a Psicanálise, no que concerne especificamente aos conceitos de *cognitivismo* e *memória*, Laurent (2013) oferece ferramentas importantes para fomentar o debate. Ele nos alerta sobre as reduções organicistas que a Psicanálise sofre no mundo contemporâneo e toma como exemplo os trabalhos neurológicos de Eric Kandel, que se referem à memória em geral e seus modos de inscrição no sistema nervoso. Kandel decidiu-se pelo estudo da memória e da aprendizagem com base nos seus traços, célula por célula, no cérebro. Laurent denuncia os desvios perpetrados por Kandel, ao frisar que o que ele chama de “psicanálise”, desenvolve-se exclusivamente pelo sistema cognitivo, portanto fora da linguagem, da interpretação e da dimensão do sentido, esquecendo-se de que “o vínculo entre a lembrança assim inscrita e a experiência do lembrar em psicanálise supõe uma homologia entre linguagem, indispensável ao desenvolvimento de um tratamento” (ANSERMET, 2013, p. 76). Isso implica, ainda nas palavras de Laurent, uma tradução em termos neuronais dos *processos subjetivos* que constituem a memória.

Dessa forma, as correntes atuais das ciências cognitivas e das neurociências desconhecem que o *fenômeno subjetivo* como tal escapa à redução a uma cartografia do estímulo cerebral e do comportamento. Ao fazer um balanço do trajeto freudiano desde o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, até *O mal estar na civilização*, de 1930, Laurent apresenta uma reflexão particularmente importante para um debate sobre a Psicanálise que inclui a Análise do Discurso:

Com a hipótese de um “mais além” do princípio do prazer, a ruptura é consumada com os mecanismos biológicos supostos no Projeto. E “O mal estar na civilização” vem afirmar que é **na articulação com o laço social** que é preciso dar conta de um impossível a descarregar, do impossível no cerne mesmo da satisfação sexual como tal. Passa-se, assim, no percurso da obra, da referência à biologia à hipótese de uma antibiologia, onde **a articulação do corpo ao social** implica uma relação essencial a uma morte que não é mais aquela que a biologia dá conta (LAURENT, 2013, p. 78; grifos meus).

Pêcheux (2012) problematiza a tensão entre biologia e laço social ao comentar que, ao restituir o trabalho específico da letra, abre-se uma falha no bloco compacto das pedagogias, das tecnologias, dos humanismos moralizantes. Em suas palavras, coloca-se em questão essa articulação dual do biológico com o social.

É fundamental, então, a distinção entre a atividade cognitivo-neuronal e a *função subjetiva*, sempre marcada pela falha, pela falta, pelo malogro e pelo mal-entendido. E é nessa hiância entre o saber e o real, esse impossível que insiste nas falhas irreduzíveis da trama discursiva, que se aloja o sujeito que interessa à Psicanálise e à Análise do Discurso. Como nos lembra Ansermet (2013, p. 84), “A língua como laço social é a nossa única naturalidade. Língua e natureza estão, nessa perspectiva, do mesmo lado. Da mesma forma, na experiência da psicanálise, os enunciados com os quais ela lida (...) fazem, mais ou menos, laço social.” Assim, ao desconhecer a realidade psíquica, as neurociências se reduzem a um fisicalismo que mantém intacta a problemática do *sujeito*, tal como aponta Carvalho (2013, p. 33): “as neurociências incorrem no risco de resvalarem para o delírio cientificista; ao confundirem realidade psíquica e realidade cerebral.” A realidade psíquica, como nos lembra ainda o autor, comporta o endereçamento ao Outro, razão pela qual o aparelho psíquico, tal como Freud o concebe, comporta também o *laço social*. O significante, dessa forma, não tem inscrição no sistema nervoso, mas em um *sistema simbólico*.

Entretanto, se há antinomia entre a Psicanálise e as ciências cognitivas (incluídas nas neurociências), qual o diálogo possível entre ambas? Laurent (2013) propõe um contraponto entre os *usos imediatos* e os *usos mediatos das neurociências*. O *uso imediato* é precisamente o uso até aqui descrito, em que há uma sutura da divisão subjetiva e da experiência de gozo do falante. O ser falante, sobre o qual se conecta o sistema simbólico como um parasita, produz o *impossível de representar*, que em nomenclatura lacaniana é chamado de *real*. O resíduo dessa operação da linguagem sobre o corpo é uma satisfação fora do campo do sentido, mas que comporta uma relação com a língua, chamada *gozo*. O gozo é o que há de mais singular em um sujeito, é o que tece sua cena fantasmática pela conexão sempre contingente de suas

experiências com certas palavras, certos enunciados. Essa relação entre língua e gozo, ou seja, *o real da língua*, é objeto de investigação de uma corrente da Análise do Discurso voltada para os trabalhos de Jean-Claude Milner e Jacqueline Authier-Revuz. Pêcheux evoca o trabalho desses autores em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, valorizando o *real da língua* como o lugar possível de abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico:

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nessa perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual *descrever* se torna indiscernível de *interpretar*: essa concepção de descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua. (c.f. J. Milner, especialmente em *L'amour de la Langue*). Eu disse bem: a língua. (...), aquilo que é colocado pelos linguistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan (PÊCHEUX, 2012, p. 50).

Pêcheux prossegue em sua argumentação sobre uma pesquisa linguística e discursiva que inclua o gozo próprio da língua:

A pesquisa linguística começaria assim a se descolar da obsessão da ambiguidade (entendida como lógica do “ou... ou”) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc. Esse jogo de diferenças, alterações, contradições não pode ser concebido como o amolecimento de um núcleo duro lógico: a equivocidade, a “heterogeneidade constitutiva” (a expressão é de J. Authier) da língua corresponde a esses “artigos de fé” enunciados por J. Milner em “A Roman Jakobson ou le Bonheur de la Symétrie” (PÊCHEUX, 2012, p. 50-51).

Há, como demonstra Pêcheux, uma relação intrínseca entre o sistema simbólico e a experiência de gozo que o *uso imediato das neurociências* insiste em apagar. Já os *usos mediatos das neurociências* se aproximam da *cognição social* ou da *corrente sociocultural* das ciências cognitivas, tais como foram trabalhadas por Paveau (2005) e por Moirand (2007). Trata-se de um uso dessas correntes de discurso que não rechaça a dimensão da linguagem e a singularidade do sujeito. Nas palavras de Laurent (2013, p. 88): “O uso mediato das neurociências é ainda aquele que garante o maior grau de liberdade ao sujeito e à psicanálise para dar conta daquilo que se apresenta sempre como fuga, deslize, desvio na experiência de gozo do sujeito.” As palavras de Laurent sobre o sujeito encontram uma curiosa ressonância no Pêcheux de 1978, momento de sua tão conhecida retificação cujo próprio título evoca um enunciado de Lacan de seu 11^o Seminário, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: o início de uma retificação”* (grifos meus). Segundo o autor, os traços inconscientes do significante trabalham na pulsação sentido / nonsense do sujeito dividido.

Delineia-se para um diálogo interdisciplinar, de forma semelhante com o que se passa no campo da Análise do Discurso, a oposição entre uma neurociência que rejeita o sujeito e uma que o inclui; uma neurociência que pretende recobrir o todo do real e uma que inclui o *ponto de impossível*, expressão de Pêcheux (2012). Essa versão da neurociência e das ciências cognitivas que inclui a Psicanálise é convocada no próprio paradoxo surgido no discurso da ciência no contemporâneo. Conforme relata Laurent, nas neurociências, a plasticidade neuronal implica seus paradoxos. Se, por um lado, descobrem-se mecanismos universais, eles sempre culminam na produção do único, do diferente e do singular. De uma forma que considero surpreendente, Ansermet (2013), valendo-se de achados recentes da neurofisiologia, demonstra que os impactos produzidos pelas *experiências subjetivas*, nos quais se associam um estado somático e uma experiência de percepção, geram efeitos de deformação permanentes nas redes de sinapse neuronal. É uma concepção do *cognitivo* e da *inscrição da memória* que não se desvincula da

contingência das experiências singulares de cada sujeito, que são experiências de linguagem.

Esse para além do biológico culmina, de acordo com Ansermet (2013, p. 46), no “encontro com o real da psicanálise, um real traumático, **que resulta da lógica do discurso**, muito mais que da lógica do vivente” (grifos meus). Ainda sobre essa neuroplasticidade, Ansermet (2013) aponta que esse fato faz com que nunca se acione duas vezes o mesmo cérebro e que, assim, em um interessante paradoxo, nos revelemos ser biologicamente determinados para não sermos totalmente biologicamente determinados. Assim, aponto uma citação de Ansermet (2013, p. 44) que legitima essa interface entre Psicanálise e neurociências, na qual proponho incluir a Análise do Discurso:

A singularidade, a descontinuidade, a imprevisibilidade constituem, dessa forma, **pontos-limite** para as neurociências, provindos do interior de sua lógica e de seus questionamentos, que são também **pontos de encontro inéditos com questões fundamentais próprias à psicanálise** (grifos meus).

5 Entre a memória cognitivo-discursiva e Psicanálise: algumas análises

Retomo aqui determinados pontos da proposta, desenvolvida por Paveau (2005) e por Moirand (2007), de articular o conceito de *memória discursiva*, pertencente ao campo da AD, com o de *memória cognitiva*. De acordo com Paveau, as aquisições da cognição sociocultural parecem particularmente pertinentes para uma renovação da AD na contemporaneidade, permitindo trabalhar o conceito de *memória discursiva* na perspectiva da cognição. Conforme já foi visto, são as *ferramentas linguísticas*, as estruturas cognitivas *externas*, que possibilitam adotar o ângulo sociocultural em ciências cognitivas. Paveau discute a noção de uma *memória em discurso*, uma memória estritamente articulada às condições sócio-históricas e cognitivas de produção dos discursos, aos dados extradiscursivos e, principalmente, pré-discursivos, que participam da elaboração e da circulação das

produções verbais dos sujeitos socialmente e culturalmente situados. Nas palavras de Paveau:

Cette mémoire n'est pas innée ni déposée comme un trésor dans l'esprit individuel mais dépend de l'expérience et du contexte, ce qui implique bien sûr que le discours ne relève pas uniquement de la compétence individuelle et intentionnelle des sujets parlants (PAVEAU, 2005, p. 2).¹⁰

Reconvoco, nesse ponto, a noção de *memória inconsciente*, tal como aparece no artigo de Moirand (2007) – como memória *exterior* e discursiva–, e proponho uma articulação com a Psicanálise, com base na seguinte citação: “a experiência do inconsciente, tomada no nível em que a instalo, não se distingue da experiência física. **É igualmente externa ao sujeito**, tomando-se este no sentido tradicional. Eu a aponto no lugar do Outro: o inconsciente é o discurso do Outro, eis minha fórmula” (LACAN, 2003, p. 228; grifos meus). De fato, durante seu primeiro ensino, Lacan faz do inconsciente uma *alteridade discursiva*, que se encerra nesse aforismo: *O inconsciente é o discurso do Outro*. Miller (2010, p. 136) retoma a questão de forma incisiva: “**O inconsciente não é o que há de singular em cada indivíduo**. E foi para apreender isso que Lacan o alojou no Outro com maiúscula” (grifos meus). Tais considerações fornecem uma possível chave de leitura para a construção da memória *cognitivo-discursiva* – expressão cunhada por Paveau (2005)–, esse conceito dinâmico que faz da memória um verdadeiro operador pré-discursivo e discursivo. Ao refletir sobre o ato de *tomar a palavra* para relatar um acontecimento, Moirand (2007) afirma que isso consiste em efetuar atos de categorização do acontecimento, assim como dos atores desse acontecimento, o que implica evocar as palavras e construções da língua com base no seu armazenamento na memória. Moirand (2007, p. 5) conclui que “[...] c’est-à-dire avec les sens qu’ils

¹⁰ “Essa memória não é inata e nem depositada como um tesouro no espírito individual, mas depende da experiência e do contexto, o que implica, certamente, que o discurso não se sustenta unicamente da competência individual e intencional dos sujeitos falantes.”

ont pris dans les situations où on les a rencontrés auparavant, y compris ceux dont on est pas toujours conscients” (grifos meus).¹¹

5.1 O caso Emma

Com o objetivo de discernir melhor essa aproximação entre Análise do Discurso e Psicanálise, tomando como ponto de enlace a *memória cognitivo-discursiva*, discorro brevemente sobre o *Caso Emma*, apresentado por Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*, texto pré-psicanalítico,¹² de 1895. No caso em questão, Emma é uma jovem tomada por um impedimento de entrar sozinha em lojas, em razão da ideia compulsiva de ser alvo do riso dos vendedores. Relata uma lembrança de seus doze anos (pouco depois da puberdade, acrescenta Freud): a jovem entrou em uma loja para comprar algo, viu dois vendedores rindo juntos e saiu correndo, tomada por um *afeto de susto*. Por fim, recordou que ambos riam das roupas dela e que um deles a havia agradado sexualmente.

Sobre essa cena, Freud observa que tanto a relação desses fragmentos entre si quanto o efeito da experiência são ininteligíveis. Se o mal-estar de Emma foi causado pelo fato de suas roupas serem alvo de riso, isso deveria ter sido remediado quando ela cresceu e passou a se vestir como uma moça. Além desse fato, entrar sozinha ou acompanhada em lojas nada tem a ver com as roupas que ela usa. Tampouco se trata de estar acompanhada pela necessidade de proteção: até a companhia de uma criança pequena é suficiente para dar-lhe segurança. Por fim, existe o fato, totalmente incongruente, de um dos vendedores tê-la agradado; para isso também é indiferente estar acompanhada ou não. As lembranças despertadas não explicam nem a compulsão, nem o impedimento.

¹¹ (...) quer dizer, com os sentidos que elas [as palavras] assumiram nas situações em que as encontramos anteriormente, o que inclui aqueles [sentidos] dos quais não estamos sempre conscientes.

¹² O texto considerado a obra inaugural da Psicanálise é *A interpretação de sonhos*, de 1900.

Em um momento posterior, Emma evoca uma nova lembrança: aos oito anos de idade, ela entrou em uma confeitaria em duas ocasiões para comprar doces e, na primeira, o dono agarrou suas partes genitais por cima da roupa. Apesar dessa experiência, Emma retornou uma segunda vez à mesma confeitaria. No momento presente de seu relato a Freud, a jovem recrimina-se por ter ido novamente lá, como se tivesse querido provocar a (re)investida do proprietário da loja com esse ato. Emma é, então, tomada por *um estado de consciência pesada e opressiva*.

Freud estabelece um *vínculo associativo* entre a cena I (na confeitaria) e a cena II (na loja). O riso dos vendedores evocou inconscientemente a lembrança do sorriso do dono da confeitaria no momento de sua investida. Em ambas as situações, ela estava sozinha. Lembrou-se ainda de que o dono a agarrara por cima da roupa e de que pouco depois desse fato Emma alcançara a puberdade. A lembrança da primeira cena, após a puberdade, desperta em Emma algo que não despertara na época em que ela tinha oito anos: uma *excitação sexual* que se transformou em angústia. Devido a essa angústia, ela temeu que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e correu. Em todo esse elo associativo, nada esteve consciente para Emma a não ser o elemento *roupas*, e seu pensamento estabeleceu duas conexões falsas: a primeira, de que os vendedores riam de suas roupas; a segunda, de que havia ficado sexualmente excitada por um dos vendedores. Nas palavras de Freud (1987, p. 371): “No nosso exemplo, porém, o que chama a atenção é justamente que o elemento que penetra na consciência não é o que desperta o interesse (o atentado), mas um outro, na qualidade de símbolo (as roupas).”

Teixeira (2013), a respeito desse caso, comenta que, para Freud, interessa menos o valor *semântico* da ideia compulsiva do que o nível *mecânico* de excitação que faz com que determinadas representações *excessivamente intensas*, usando o termo de Freud, apareçam de uma maneira que não se justificaria no curso normal dos fatos. O que esclarece o mecanismo da ideia compulsiva encontra-se para além de um suposto sentido atribuído à sua representação. A ideia compulsiva de não entrar sozinha em lojas se explica pela conexão da segunda cena com a primeira, não estritamente por um elo semântico, mas pela evocação de

uma experiência anterior de assédio marcada por intensa carga de excitação, que somente posteriormente, na puberdade, receberá sua significação sexual. Teixeira (2013, p. 5) conclui: “O que importa não é o sentido da loja em si, nem [*sic.*] tampouco do riso dos vendedores, mas a **rede de conexões** que fez com que Emma fosse afetada pela **associação dessas representações**” (grifos meus).

Retorno, após esse fragmento clínico, ao campo da Análise do Discurso. Conforme já foi exposto, Moirand (2007) afirma que estão inscritas, na materialidade discursiva, palavras e formulações que cumprem o papel de *índices desencadeadores da memória*, sem que seja possível falar de um “discurso relatado”, e sem que pareçam remeter a representações relevantes de domínios de memória a curto ou a longo prazo. Essa memória, inscrita nas palavras muitas vezes de forma inconsciente, recebe pela autora o nome de *palavras-acontecimento*, termo que também já foi discutido (ver nota 6).

Se as *palavras-acontecimento* contribuem para a discussão sobre a ancoragem cognitiva da memória, elas são um ponto de encontro entre a memória cognitivo-discursiva, a Análise do Discurso e determinados aspectos da reflexão psicanalítica, ilustrados com o *Caso Emma*. Para estabelecer essa relação, podemos assumir que, sob a ótica de Emma, *roupas* é uma *palavra-acontecimento*, um índice desencadeador de memória inscrita no interdiscurso de sua história. Trata-se de uma chave de leitura disponibilizada no / pelo texto de Moirand (2007, p. 6), tal como na seguinte passagem: “(...) sont alors apparus des mots, des formules, des figements et des défigements, des constructions syntaxiques, qui fonctionnent comme autant de rappels mémoriels de dires, de faits et d’événements antérieurs.”¹³ Cabe lembrar – e o Caso Emma ilustra isso – que as *palavras-acontecimento* produzem efeitos de memória que ultrapassam o sentido das palavras: elas veiculam representações, assim como *emoções* ligadas aos conhecimentos, aos fatos e aos saberes muito mais do que aos dizeres. É o que demonstra mais claramente esta outra passagem: “On voit ainsi s’inscrire au fil du discours non seulement le mot-événement, mais ce qui découle **des**

¹³“(…) surgem, então, palavras, fórmulas, fixações e não fixações [de sentido], construções sintáticas, que funcionam como lembretes memoriais de dizeres, de fatos e de acontecimentos anteriores.”

représentations qu'on lui a mentalement associées (des mots, des images, des sons) ainsi que la temporalité qui lui est attachée” (MOIRAND, 2007, p. 8; grifos meus).¹⁴

Proponho concluir esta seção, abordando o último ponto de discussão sobre a memória cognitivo-discursiva do texto de Paveau (2005). Em *Mémoire, discours, affects*, a autora evoca a dimensão *afetiva e emocional* na construção da memória, frisando que o processo de memorização retém os estados mentais e afetivos. Evoca o médico neurologista português António Damásio e retoma suas considerações sobre a reconstrução da memória. Nas palavras de Damásio, armazenamos na memória não apenas os aspectos sobre a estrutura física de um objeto (como a forma, a cor, a sonoridade, os movimentos típicos ou o odor), mas também os aspectos do *engajamento motor do nosso organismo* no processo de apreensão desses aspectos pertinentes. Trata-se de nossas reações *emocionais* diante de um objeto, nosso estado físico e mental que é ampliado no momento da apreensão desse objeto.

O citado Caso Emma ilustra bem essa questão, por colocar em primeiro plano a reconstrução da memória em relação a esse engajamento motor do organismo, no caso, do próprio corpo, por conta da *liberação sexual* ocorrida na cena I, que ganhou nova significação depois da cena II: “Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu como experiência, porque, nesse entretempo, as mudanças trazidas pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado.” (FREUD, 1987, p. 371). Retomando as palavras de Paveau (2005), cognição, articulações no campo da memória e emoções pintam o quadro da nossa *memória cognitivo-discursiva*; uma forma de reconstrução da memória que é um verdadeiro modo de configuração do mundo do discurso.

5.2 O caso Caecilie M.

Com o objetivo de reiterar a pertinência das propostas teóricas de Paveau e de Moirand – e das articulações que faço com base nelas–,

¹⁴“Vemos, assim, se inscrever no fio do discurso não somente a palavra-acontecimento, mas o que resulta das representações que mentalmente associamos a ela (palavras, imagens, sons); assim como a temporalidade à qual ela se liga.”

discorro sobre um segundo caso freudiano, conhecido como o *Caso Caecilie M.* No caso em questão, a Sra. Caecilie era uma mulher de meia idade que sofria de uma nevralgia facial extremamente violenta, que surgia subitamente duas ou três vezes por ano, resistia a qualquer tipo de tratamento e cessava abruptamente. Diversos médicos, assim como uma grande diversidade de diagnósticos e tratamentos, não obtiveram sucesso na cura dessa nevralgia. O sintoma da paciente perdurava por longos quinze anos; os dentes foram apontados como os culpados da nevralgia em uma época anterior de sua vida. A dolorosa extração de sete dentes não obteve qualquer resultado, nem temporário, nem permanente.

Durante o tratamento da Sra. Caecilie com Freud, o dentista era chamado a cada acesso de dor facial da paciente, porém os sintomas desapareciam subitamente, para reaparecerem posteriormente. Freud, por sua vez, duvidava da causa orgânica da nevralgia a favor da hipótese de uma causa psíquica. Cerca de um ano após o início de sua análise, durante uma fase aguda de dores faciais, a paciente lembrou-se de um período de grande *irritabilidade mental* para com o marido. Narrou uma conversa que tiveram e uma observação por parte dele que ela sentira como um áspero insulto. Nas palavras de Freud, nesse instante a paciente levou a mão à face, soltou um grande grito de dor e exclamou: “Foi como uma bofetada no rosto”.

A partir dessa lembrança, a nevralgia facial instantaneamente cedeu. No dia seguinte, as dores estavam de volta, porém, dessa vez, dissipadas pela narração de *outra lembrança* cujo conteúdo fora, mais uma vez, um suposto insulto. Freud observa que os insultos, principalmente os *externados verbalmente*, haviam durante anos, por uma *simbolização*, provocado novos ataques de nevralgia facial. Freud esclarece esse *mecanismo de simbolização* como uma *conexão associativa e metafórica* entre dor física e afeto psíquico / emocional: a Sra. Caecilie sentira como se tivesse realmente recebido uma bofetada. Tais simbolizações são, nas palavras de Freud, *expressões somáticas para ideias emocionalmente coloridas*, ou seja, investidas de afeto; ideias que fazem reviver sensações a que a *expressão verbal* deve sua justificativa.

Freud, ainda discorrendo sobre essa paciente, fornece um outro exemplo sobre o mecanismo da simbolização. Em um determinado

período, a Sra. Caecilie foi acometida de uma violenta dor no calcanhar direito, uma dor aguda a cada passo que dava, que impedia sua locomoção. A análise levou a uma época em que a paciente estivera em um sanatório no exterior. Ela havia passado uma semana de cama e seria levada ao refeitório comum pela primeira vez pelo médico residente. A dor sobreveio no momento em que ela lhe tomou o braço para sair da sala com ele e desapareceu durante a reprodução da cena quando a paciente disse a Freud que, na ocasião, ficara com medo de *não acertar o passo* com aqueles estranhos. Freud não se furta a comentar que isso parece ser um exemplo surpreendente e mesmo cômico da gênese dos sintomas histéricos pela *simbolização por meio de uma expressão verbal*.

Dando continuidade, não parece arbitrário Freud haver alegado que a Sra. Caecilie foi a paciente que o possibilitou fazer uma coletânea sistemática das simbolizações somáticas. Ele ainda trabalha mais um exemplo retirado da vida psíquica dessa paciente: quando contava quinze anos, a paciente estava deitada na cama sob o olhar vigilante da avó rigorosa, quando subitamente deu um grito ao sentir uma dor penetrante na testa, entre os olhos, que durou semanas. No decorrer de suas associações sobre essa dor em sua análise, ocorrida quase trinta anos após essa cena original, ela relata a Freud que a avó lhe dirigira um olhar tão *penetrante* que fora direto até o cérebro. Ao terminar esse relato, irrompeu em uma grande gargalhada e a dor, mais uma vez, desapareceu. Freud (1988, p. 188) conclui que “Todo um grupo de sensações físicas que normalmente se considera que são determinadas por causas orgânicas era, no caso dela, de origem psíquica ou pelo menos possuía um significado psíquico.”

É ilustrativo, nas diversas facetas desse complexo caso clínico, como o quadro de nossa memória cognitivo-discursiva engloba a dimensão *afetiva e emocional*, nas palavras de Paveau, ou ainda como se dá o *engajamento motor do organismo* na apreensão de um objeto pelo discurso, nas palavras de Damásio. Um comentário de Freud (1988, p. 189) sobre esse caso apresenta grande sintonia com ambos os autores: “Todas essas sensações e inervações pertencem ao campo da **Expressão das Emoções**, que, como nos ensinou Darwin [1872], consiste em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade” (grifos meus).

É pertinente ainda cotejar os diversos meandros desse caso com determinadas afirmações de Moirand (2007). Para a autora, a construção da memória individual, esta construída pelo trajeto das experiências humanas, não se dá apenas pela exposição do sujeito aos discursos, mas pelo o que é, no caso a caso, *memorizado* por meio do discurso. É o que ela denomina de *abordagem cognitiva da argumentação* por se repousar sobre a noção de *representação*. Como as simbolizações somáticas de *trações de memória* da paciente Caecilie M. demonstram, e como as hipóteses de Moirand (2007) corroboram, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo (memória semântica) são convocadas por meio de um canal correferencial que constrói uma *representação* que é desencadeada por meio do uso das palavras circulantes do discurso. É o que a autora denomina *um tratamento cognitivo do discurso*, o que possibilita um enlaçamento com a Psicanálise e com o caso supracitado, ao enunciar que “la mémoire des mots e des dires contribue à l’éclairage, et les phénomènes d’éclairage apparaissent comme le résultat de **mécanismes plus ou moins consciemment mis en place...**” (MOIRAND, 2007, p. 12, grifos meus).¹⁵

Encerro, então, com uma citação em que Paveau (2005) sinaliza essa nova via de investigação no campo da Análise do Discurso:

Cette dimension, **encore inexplorée par les analystes du discours (...)**, est à notre sens **un enjeu fort de l’analyse du discours actuellement**, qui revêt une importance analogue à celle qu’a eue, dans le cadre de la sémantique discursive, la dimension idéologique pour la compréhension des discours et de leurs circulations sociales (PAVEAU, 2005, p. 5; grifos meus).¹⁶

¹⁵ a memória das palavras e dos dizeres contribui para a iluminação, e os fenômenos de iluminação ocorrem como resultado de **mecanismos mais ou menos conscientemente colocados no lugar...**

¹⁶ “Essa dimensão, ainda inexplorada pelos analistas do discurso (...) é, do nosso ponto de vista, um forte desafio para a análise do discurso atualmente, que se reveste de uma importância análoga àquela que teve, no campo da semântica discursiva, a dimensão ideológica para a compreensão dos discursos e de suas circulações sociais.

Conforme a citação acima aponta e Paveau (2007) em seu texto posterior reafirma, a relação discurso-cognição mobiliza várias fronteiras: interno / externo, linguístico / extralinguístico, individual / coletivo. Em suas palavras, “les disciplines texte-discours, qui ont toujours bénéficié des apports des sciences humaines et sociales, ne peuvent que s’enrichir des avancées de la cognition sociale et culturelle” (PAVEAU, 2007, p. 21).¹⁷

6 Conclusão

O percurso apresentado e problematizado no decorrer deste texto aponta para uma tripla confluência entre a *cognição social*, conforme proposta por Paveau e Moirand, a Análise do Discurso Francesa e a psicanálise de orientação lacaniana. É conhecido o fato de que a articulação entre discurso e psicanálise é um direcionamento epistemológico que se encontra na própria fundação da disciplina por Pêcheux em 1969. Nesse horizonte teórico interdisciplinar, solidificado e retrabalhado no decorrer das últimas décadas, o apelo à cognição surge como uma resposta diante das demandas de renovação imposta pela contemporaneidade, renovação que toca diretamente a questão do *sujeito*. O *cientificismo* e o *momento contemporâneo do rigor positivo*, expressões de Pêcheux, aliados à crença no *sofisma das bases biológicas*, expressão de Ansermet, são uma evidência no tratamento dado à subjetividade no mundo atual. Nesse sentido, a Análise do Discurso e a Psicanálise pretendem, cada uma à sua maneira, se valer dos aportes teóricos da *cognição social* para a renovação e atualização de sua condição de discurso, sem perder de vista o *sujeito* concebido *efeito de linguagem*, ponto que enlaça as duas disciplinas. O recurso aos casos clínicos, por sua vez, ilustram como o conceito de *palavra-acontecimento*, proposto por Moirand, é uma ferramenta teórica rica para

¹⁷ As disciplinas texto-discurso, que sempre se beneficiaram das contribuições das ciências humanas e sociais, apenas podem se enriquecer com os avanços da cognição social e cultural.

proceder a uma *análise discursiva* do texto psicanalítico à luz do atual conceito de *memória cognitivo-discursiva*, o que, mais uma vez, articula os três campos do saber.

7 Referências

ANSERMET, F. Elogio do incomensurável. *Curinga: Ciência corpo e real*, Belo Horizonte, n. 36, p. 37-47, 2013.

AZEVEDO, A. V. Análise leiga: mais, ainda. In: JORGE, M. (Org.). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

BRUSA, L. Encontros do real. In: RIBEIRO, Vera; MACHADO, Ondina Maria. *Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 130-132.

CARVALHO, F. Psicanálise e ciência: o real em jogo, *Curinga: Ciência corpo e real*, Belo Horizonte, n. 36, 2013.

FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud – Vol. II. Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud – Vol I. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GADET, F. *et al.* Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.

LACAN, J. Pequeno discurso no ORTF. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MAINGUENEAU, D. Análise do Discurso: A questão dos fundamentos. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, SP: Ed. Unicamp, n. 19, 1990.

MAURANO, D. Um estranho no ninho ou a psicanálise na universidade. In: JORGE, M. (Org.). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

MOIRAND, Sophie. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. *Corela* [En ligne], vol. HS-6, 2007. Disponível em: <<http://corela.revues.org/1567>>.

ORLANDI, E. P. O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso. *D.E.L.T.A.*, São Paulo: Educ, v. 10, n. 2, 1994.

PAVEAU, M. A. O redemoinho de palavras: análise do discurso, inconsciente, real, alteridade. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.15, n. 22, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga22/arqs/matraga22a01.pdf>>.

PAVEAU, M. A. *Discours et cognition: les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur*. *Corela* [En ligne], vol. HS-6, 2007. Disponível em: <<http://corela.edel.univ-poitiers.fr/index.php?id=1550#tocto1n2>>.

PAVEAU, M. A. *Retrouver la mémoire. Parcours épistémologique et historique*. (2005). Disponível em: <<http://penseedudiscours.hypotheses.org/redactrice/publications>>.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso. (A AD-69). In: GADET, F.; HAK, t. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.

